

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ADRIANA BENVINDA BARBOSA RODRIGUES

**A FOTOGRAFIA COMO POTÊNCIA PRODUTIVA E EXPRESSIVA DE
SUBJETIVIDADE**

SÃO LUÍS – MA

2019

ADRIANA BENVINDA BARBOSA RODRIGUES

**A FOTOGRAFIA COMO POTÊNCIA PRODUTIVA E EXPRESSIVA DE
SUBJETIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia e Formação de Psicólogo. Área de concentração: Psicologia Social – Processos Grupais e de Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Dannilo Jorge Escorcio Halabe.

SÃO LUÍS – MA

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Barbosa Rodrigues, Adriana Benvinda.

A fotografia como potência produtiva e expressiva de subjetividade / Adriana Benvinda Barbosa Rodrigues. - 2019.

42 f.

Orientador(a): Dannilo Jorge Escorcio Halabe.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, Auditório Ribamar Caldeira, CCH, 2019.

1. Fotografia. 2. Psicologia. 3. Subjetividade. I. Escorcio Halabe, Dannilo Jorge. II. Título.

ADRIANA BENVINDA BARBOSA RODRIGUES

**A FOTOGRAFIA COMO POTÊNCIA PRODUTIVA E EXPRESSIVA DE
SUBJETIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia com Formação de Psicólogo.

Área de concentração: Psicologia Social – Processos Grupais e de Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Dannilo Jorge Escorcio Halabe.

Monografia aprovada em: __/__/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Dannilo J. E. Habale. DEPSI – UFMA

Orientador

Prof^a. Dr^a. Denise Bessa Léda. DEPSI – UFMA

Membro

Prof^a. Dr^a. Cândida H. L. Alves - UniCEUMA

Membro

Prof^a. M^a. Wanderlea Ferreira Bandeira. DEPSI – UFMA

Suplente

SÃO LUÍS – MA

2019

*Dedico este trabalho aos meus pais (in
memoriam), por quem eu me levanto e
sigo à luta todo dia.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais (*in memoriam*), Plínio e Alcinéa, por tudo que foram, são e sempre serão para mim. Por serem meus maiores educadores, apoiadores e amigos. Por acreditarem na educação, apesar de terem sido pessoas que não puderam completar o ensino fundamental colegial. Por acreditarem que eu posso ir longe. Por investirem em mim, por confiarem em mim e por acreditarem que eu sou melhor do que de fato sou. Vocês são muito presentes na minha vida e em tudo que faço. Espero que, de algum lugar bom, vocês possam estar me vendo, me assistindo. E que hoje, mesmo que de longe, eu tenha conseguido retribuir um pouquinho a vocês tudo o que fizeram por mim. Agradeço ao Universo pelos pais maravilhosos que tive. Pelo amor gratuito. Por tudo que me deram e também pelo que me deixaram faltar. Espero ter sido uma boa filha. Obrigada, para sempre.

Agradeço à minha irmã mais velha (*in memoriam*), Aldenice, pela amizade, pelo cuidado e carinho nas formas mais sutis. Pela responsabilidade que tomou para si nos meus últimos semestres de graduação. Pelo orgulho de mim que eu nem sei se um dia mereci. Tu foste, para mim, uma segunda mãe. Cada página desse processo monográfico tem muito da tua compreensão, preocupação e parceria comigo. Muitas das páginas deste trabalho têm a dor de te ver hospitalizada. E muito da minha incredulidade de tu não estares aqui hoje para me assistir. Dadá, eu te prometi que eu ia terminar. Se eu nunca desisti, é também porque lembrei dessa promessa.

À minha outra irmã, Adriane, que apesar de ser minha irmã gêmea, também é minha irmã mais velha. É quem dividiu comigo as primeiras experiências sobre ser gente nesse mundo, com quem eu muito me pareço (mesmo que não fisicamente) e que, incrivelmente, sabe muito sobre mim até mesmo quando eu não falo. Algumas piadas e confidências são só nossas. Você, além de minha irmã, é minha amiga. E que sorte a minha!

À minha sobrinha mais velha, Priscila, filha de minha irmã mais velha. Tu tens meu colo, minha amizade, minha preocupação e meu orgulho. Mesmo que não de tão perto, eu não me esqueço de ti. E fico feliz em ver a mulher que você se torna a cada dia. Tua mãe estaria orgulhosa, eu tenho certeza. Eu estou.

À Alessandra Lima, que é minha amiga e meu amor. Muito obrigada pela paciência, principalmente nesses dias. Por entender o quanto esse trabalho é importante para mim e por abraçar também essa importância. Mais do que o abstract, você me

acolheu e foi minha parceira de sempre. Depois de um dia cansativo, é muito bom saber que no teu colo eu posso falar das minhas angústias e das expectativas. Obrigada por acreditar e torcer por mim. Você é um presente que me aconteceu e eu agradeço muito ao Universo por te ter na minha vida.

À minha família felina, Arwen e Arya, por serem minhas companhias em vários momentos. Mamãe ama vocês. Mamãe ama o denço e o miado de vocês rs

A José David e Karolline, que muito têm a ver com meu processo sobre o que é se tornar psicólogo. E, para além dos projetos em que trabalhamos juntos, nos tornamos grandes amigos. Meus amigos queridos, foi ótimo trabalhar com vocês! E poder contar com vocês em discussões acadêmicas enriquecedoras. É ótimo estar com vocês compartilhando momentos bons e contar com vocês nos momentos ruins da vida.

Ao meu amigo Sérgio, por todo apoio e pelo carinho de longos anos. Eu sinto que você torce por mim e saiba que a recíproca é verdadeira. Estamos juntos, cada um em sua caminhada, trabalhando por nossos objetivos. Obrigada, de verdade, por dar crédito às minhas conquistas.

À minha amiga Viviane, por todas as conversas, todas as risadas e toda preocupação. Obrigada por fazer da tua casa um pouco da minha casa nos dias bons e ruins.

Aos meus colegas de graduação... Muitos de nós já não são nem tão próximos, mas nossas experiências juntos não são esquecidas por nenhum de nós. Às meninas da temida “Teorias Inconsciente 3”, à turma dos grupos de pesquisa e extensão, aos colegas dos grupos de estudos dos quais fiz parte. Durante esse processo aprendemos, concordamos, discordamos, nos divertimos juntos e... criamos laços.

À banca examinadora, pelo aceite ao convite e abrirem mão de outros compromissos para avaliarem meu trabalho.

Ao meu orientador, Professor Dannilo Halabe, que prontamente se disponibilizou a ouvir minha proposta e a me ajudar neste processo. Obrigada pela credibilidade, pela confiança de que eu poderia finalizar o quanto antes e por, mesmo sem obrigatoriedade alguma, entender a minha pressa nessa fase final.

Aos professores e pesquisadores que estudam e fomentam o uso da fotografia na pesquisa na Psicologia. Foi graças ao trabalho de vocês que eu pude acreditar que este trabalho seria possível.

EPÍGRAFE

“Se toda foto é um registro de algo ou alguém em determinado tempo e lugar, toda foto traz em si uma trajetória única. Toda foto está marcada por uma intenção de ação, seja ela oriunda do próprio fotógrafo, ou demandada por outros, e, após sua materialização, revelada ou impressa, é também marcada pelos sentimentos que provocou, as memórias que fez emergir, os lugares que ocupou. Na foto, o tempo é atemporal, pois tornado foto o instante recortado, marcado, registrado, pode ser visto em outros tempos, com outros olhos e olhares”. (WELLER; BASSALO, 2011).

RESUMO

A subjetividade é compreendida como um processo em constante movimento que, através da linguagem – quer seja ela discursiva ou não – apresenta uma nova realidade a ser descoberta, a partir dos encontros do sujeito com o outro. A fotografia, primeiramente tida como uma invenção técnica e documental, inserida na lógica racionalista do positivismo e fomentada pela sociedade burguesa com o advento da Revolução Industrial, tinha como suas premissas verdade, imparcialidade e neutralidade, dispensando a interferência da subjetividade humana. Foi quando a técnica passou a ser utilizada na Antropologia, a fim de registrar os dados visuais do que era observado na pesquisa etnográfica. Assim, as ciências humanas e a fotografia, ambas surgidas no século XIX e que outrora basearam-se nos pressupostos do positivismo, passaram a assumir o papel de representações dos modos de existir e de se comunicar, nos permitindo pensar sobre o que pertence ao íntimo e intrínseco do ser humano. Este trabalho discute a fotografia como potente ferramenta diante das possibilidades do ver, produzir e expressar subjetividade a partir da experiência do fotografar e dos discursos que podem ser evocados a partir da fotografia –, vista aqui como uma estratégia do conhecer e do refletir sobre as visibilidades e invisibilidades. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico nos sítios de busca Google Acadêmico, Scielo e PepSic a fim de catalogar os artigos científicos produzidos por autores do campo da Psicologia nos anos de 2018 e 2019. Foram catalogados seis artigos, cujas temáticas, áreas de atuação da Psicologia e métodos de utilização da fotografia de acordo com Neiva-Silva e Koller (2002) foram categorizados a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (1977), apontando para uma prevalência na atuação em Psicologia Social e modelo autofotográfico. Visualizou-se, assim, a fotografia como um recurso terapêutico, visto que o ato fotográfico se apresentou como um caminho de potência de fala e possibilidade de expressão de conteúdos subjetivos, trazendo questões que não são atingidas pelo no campo verbal.

Palavras-chave: Psicologia. Fotografia. Subjetividade.

ABSTRACT

Subjectivity is understood as a constantly moving process that, through language - whether discursive or not - presents a new reality to be discovered, from the encounters of the individual with the other. Photography, primarily considered as a technical and documentary invention, inserted in the rationalist logic of positivism and encouraged by bourgeois society with the advent of the Industrial Revolution, had as its premises truth, impartiality and neutrality, dispensing the interference of human subjectivity. That was when the technique started to be used in Anthropology, in order to record the visual data of what was observed in ethnographic research. Hence, the human sciences and photography, both appeared in the nineteenth century and once based on the assumptions of positivism, began to assume the role of representations of the ways of existing and communicating, allowing us to think about what belongs to the intimate and intrinsic of the human being. This present study discusses photography as a powerful tool in view of the possibilities of seeing, producing and expressing subjectivity from the experience of photographing and the discourses that can be mentioned from photography - regarded as a strategy of knowing and reflecting about the visibilities. and invisibilities. Therefore, a bibliographic survey was performed in the search websites Google Scholar, Scielo and PepSic in order to catalog the scientific articles produced by authors in the field of Psychology in 2018 and 2019. Six articles were cataloged, whose themes, areas of Psychology and the methods of using photography according to Neiva-Silva and Koller (2002) were categorized from Bardin's Content Analysis (1977), pointing to a prevalence in the performance of Social Psychology and autophotographic model. Thereby, photography was viewed as a therapeutic resource, since the photographic act presented itself as a way of speech power and possibility of expression of subjective content, bringing questions that they are not hit by in the verbal field.

Keywords: Psychology. Photography. Subjectivity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 O registro fotográfico: uma forma de se comunicar.....	15
2.2 O uso de recursos fotográficos na pesquisa em Psicologia: a subjetividade como modo de expressão e representação	18
3 MÉTODO	22
3.1 Informações e Fontes	22
3.2 Instrumentos.....	22
3.3 Procedimentos	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
4.1 Procedimentos para a condução da análise interpretativa	26
4.2 Apresentação do <i>corpus</i> analítico	28
4.3 As funções da fotografia nos métodos de pesquisa em Psicologia	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Neiva-Silva e Koller (2002), o primeiro artigo publicado relacionando o uso da fotografia – ainda nas primeiras formas de captura de imagens via câmaras escuras – surgiu concomitante ao reconhecimento da Psicologia enquanto ciência no final deste mesmo século, cuja pesquisa objetivava relacionar a anatomia cerebral com a inteligência humana, fazendo uso de imagens cerebrais (JUSTO; VASCONCELOS, 2009), quando a Psicologia servia à normatização e à busca de padrões. Portanto, ainda de acordo com os autores, assim como a fotografia, o estudo da psique preocupava-se em buscar a cura e a universalidade das características humanas.

Apesar de avanços conceituais e da utilização deste recurso na pesquisa em Psicologia – que, para além do domínio técnico no uso das imagens, enfatiza-se a necessidade de uma reflexão crítica (KOHATSU, 2017) – a imagem, como expressão de realidade, sempre esteve presente na experiência humana (BARBOSA; CUNHA, 2006). Entretanto, no que diz respeito ao uso desta ferramenta na pesquisa em Psicologia, ainda é pouco utilizado no Brasil (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). E, apesar de vir construindo conhecimento científico em Psicologia ao longo de 100 anos segundo Kohatsu (2017), este autor também aponta que, inicialmente, era utilizada apenas para documentar ou mesmo para ratificar a busca pela normatização.

A experiência de fotografar alarga a percepção, de modo que o sujeito possa ter uma maior consciência do mundo e de si (SOUZA; LOPES, 2002). Não se trata apenas do ver, mas sim de uma ética do ver: um olhar dotado de percepção (SONTAG, 2004). A utilização da imagem é a expressão e documentação de um processo de pesquisa, desenvolvimento estético e interpretação da realidade capturada onde, de acordo com Barbosa e Cunha (2006) é uma “[...] construção de um olhar compartilhado, resultante da interação e do confronto entre universos culturais distintos” (p. 26) e de expressão de situações, estilos de vida, gestos, atores sociais.

De acordo com Kohatsu (2017), a imagem fotográfica constitui uma interrupção temporal e um recorte espacial intencional que correspondem à representação do que o fotógrafo desejou veicular, constituindo assim um caráter subjetivo e intencional à imagem produzida. A fotografia, que se constitui a partir de uma escolha sobre o direcionamento do olhar do fotógrafo, uma ação voluntária, é, portanto, um recorte subjetivo do fotógrafo.

A subjetividade, desvelada através da linguagem, nos permite realizar pesquisas em Psicologia com a preocupação de alcançar o que pertence ao íntimo e intrínseco do ser humano, ao que é particular, individual, sem abrir mão também do interesse ao que é coletivo e variável dos seres humanos. E como um recurso eliciador de subjetividade (JUSTO; VASCONCELOS, 2009), ressalta-se a importância de se explorar a sua utilização e as possibilidades de sua significância na investigação científica no campo da Psicologia, compreendendo as potencialidades e limitações do seu uso, considerando também as novas tecnologias e o uso difundido da fotografia nos tempos atuais.

A possibilidade de a fotografia trazer para a produção acadêmica uma nova perspectiva e pensar sobre os modos de vida que se produzem a partir das mudanças no olhar e dos pontos de vista trazidos pela câmera. Entretanto, no contexto do uso da fotografia em pesquisa, ela necessita do discurso verbal para direcionar o olhar do pesquisador (BARBOSA; CUNHA, 2006), configurando uma interação entre registros verbais e visuais. O trabalho com a fotografia surge como possibilidade de expressão para abordar temas da psique humana daquilo que, por vezes, não pode ser atingido no campo verbal (ZANELATO; WERBA, 2017).

Sontag (2004, p.10) afirma que “Ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exposição a outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo [...]”. Fotografar modifica e amplia as ideias sobre a possibilidade de olhar e observar. Diz respeito ao conjunto de regras sobre a linguagem da fotografia e ainda sobre a ética do ver (SONTAG, 2004).

A fotografia produz um tipo de manifestação imagética que serve como mediadora da realidade: uma forma de capturar algo e tornar desnecessária a sua presença para afirmar sua existência. Podemos citar como exemplo quando vemos uma fotografia de nós mesmos, por vezes dizemos “este sou eu”, em vez de “esta é uma fotografia minha”. Wolff (2005) nos fala sobre a flexibilidade entre os limites do objeto e seu retrato, embora, por vezes, tomemos a fotografia como o próprio objeto e como realidade, mas sabemos que não o são.

Meu interesse pessoal pela fotografia surgiu no início do ano de 2013, fazendo registros em uma câmera digital sem qualquer utilização de estudos ou técnicas, apenas por lazer. Ao final deste mesmo ano, iniciei minha busca por estudos técnicos nesta que, além de uma arte, é também ciência. Meus estudos técnicos iniciaram-se por

meio da *internet*, aproveitando o baixo custo ao acesso e comodidade. A partir daí meu interesse foi se intensificando. Concluí cursos presenciais e *on-line*, participei de feiras, exposições, eventos durante estes quase 6 anos de interesse pela fotografia.

A partir do ano de 2017, já em fase final do curso de Psicologia, surgiram-me questionamentos: “A Psicologia e a fotografia se aproximam? Se sim, em que sentido?”; “De que modo a fotografia enquanto forma de expressão e modo de ver pode ser uma forma de se fazer Psicologia ou falar em fenômenos psicológicos?”. A partir então destes questionamentos, faço do meu trabalho de conclusão de curso aquilo que me motiva, me mobiliza e me incentiva: questionando e discutindo a respeito do uso da fotografia como modo de expressão e representação de subjetividade.

E, considerando que a fotografia está cada vez mais presente no cotidiano da contemporaneidade, entende-se que cabe também explorá-la e pesquisá-la enquanto possibilidade de instrumento de expressão e representação da subjetividade humana, preocupando-se com a teoria e a experiência, buscando destrinchar as fronteiras entre objetividade e subjetividade, ciência e arte.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é o de analisar a fotografia como potencial instrumento de produção dos sujeitos e modos de subjetivação a partir de levantamento bibliográfico de artigos científicos publicados nos anos de 2018 e 2019 por autores da Psicologia. E, a partir disso, discutir sobre o uso da fotografia na pesquisa em Psicologia e quais as áreas de atuação com maior prevalência bibliográfica e delimitar as temáticas das produções mapeadas, assim como os métodos de utilização da fotografia utilizados.

valores auráticos da obra de arte, ou seja, a crise do original único da imagem fotográfica como objeto de culto e ritual estético segundo a tradição artística burguesa. A fotografia surge, então, como um dispositivo de construção de identidades, de registro cultural, de divulgação e massificação de mensagens.

O final do século XIX no Ocidente, de acordo com Barbosa e Cunha (2006), foi marcado pela fotografia assumindo lugar privilegiado tanto em disciplina como em instrumentalização para a observação da experiência humana. Entretanto, apesar do que adveio das descobertas técnicas e científicas da fotografia, não foram considerados elementos fundamentais que permeiam a ação do fotógrafo: a percepção, a imaginação, de formulação de imagens de objetos e situações (BARBOSA; CUNHA, 2006).

Kossoy (2007) afirma que para a Antropologia emergente das últimas décadas do século XIX, impregnada pela mentalidade positivista, a fotografia era um meio de substituição literal do fato. A Antropologia, uma criação do humanismo do século XVIII – um momento bastante específico da história do pensamento, preocupado com a sistematização racional do conhecimento humano sobre diversas áreas, aí incluídos o próprio homem e sua vida em sociedade (BARBOSA; CUNHA, 2006) – foi a ciência capaz de introduzir o uso da fotografia em suas atividades.

De acordo com Barbosa e Cunha (2006) e Novaes (2016), Margareth Mead foi primeira antropóloga a defender o uso das imagens na pesquisa antropológica, buscando a interação entre registros observacionais, verbais e visuais. Mead foi aluna de Franz Boas, também considerado um dos pioneiros no uso da fotografia em pesquisa antropológica. Aí, a fotografia ainda tinha o papel de documentar determinada ocorrência, pois a imagem era tomada como um dado da pesquisa.

As ciências humanas e a fotografia, ambas surgidas no século XIX, compartilham a visão hegemônica de ciência baseada nos pressupostos do positivismo. Assim, a fotografia foi, primeiramente, uma invenção técnica inserida na lógica racionalista no final do século XIX e inserida para documentar estudos antropológicos para, gradativamente, caminhar percursos até chegar a ser considerada uma linguagem. Ainda de acordo com Barbosa e Cunha (2006), a câmera, outrora considerada quase um instrumento de precisão, aos poucos foi assumida como recurso da imagem na pesquisa antropológica, descolando-se da função de registro de dados etnográficos e ganhando outras possibilidades.

A câmera, então, passou a ser caracterizada como um instrumento de comunicação técnica e de linguagem e, a partir da perspectiva do fotógrafo, a possibilidade de refletir e registrar modos de viver (SONTAG, 2004).

A autora do livro *Sobre Fotografia*, Susan Sontag, chama de antologia das imagens a sensação de categorizar, organizar e reter o mundo inteiro mentalmente como resultado da atividade fotográfica, atribuindo caráter ontológico à imagem, ou seja, a capacidade de evocar o que um texto ou uma fala não consegue expressar e, por outro lado, necessita de um discurso verbal para direcionar o olhar para onde o pesquisador quer desenvolver (BARBOSA; CUNHA, 2006).

Assim, a fotografia recebe o papel de dar visibilidade ao mostrar o fragmento do mundo que seu criador escolheu para capturar e ao resgatar memórias, construir sentidos para uma realidade posta em evidência pelo fotógrafo (SONTAG, 2004). Ali, o fotógrafo imprime sua visão do mundo e dialoga com sua obra e, ao expressar vivências, pode perceber, refletir, ressignificar, repensar e elaborar seus discursos.

A Psicologia, como ciência, estuda e pesquisa variáveis humanas complexas, influenciadas por fatores histórico-culturais, individuais e coletivos. A fotografia é um enquadramento da realidade, uma captação de percepção e, como instrumento de pesquisa, estimula os participantes a perceber, refletir e significar, recebendo papéis de dar visibilidade a um fragmento de mundo e resgatar memórias e construir sentidos a partir do que fora escolhido (JUSTO; VASCONCELOS, 2009), acrescida como “[...] facilitadora na produção de sentido como um instrumento eliciador de subjetividade” (p. 772).

2.1 O registro fotográfico: uma forma de se comunicar

O ser humano grava seu modo de vida e de interação através de desenhos, esculturas, escrita e pintura. Segundo os autores, antes da invenção da fotografia e da pintura, não existia nada que pudesse fazer o congelamento de um instante, exceto o poder da memória. O fato de fazer fotografias, de conservá-las ou de olhá-las pode trazer satisfação em diferentes campos: “[...] a proteção contra a passagem do tempo, a comunicação com os demais, a expressão de sentimentos [...]” (COSTA; AQUINO, 2014, p.03).

O homem busca se comunicar a todo o momento através de signos, símbolos, sinais, gestos e linguagens diversas. Ainda de acordo com os mesmos autores, a humanidade passou então a criar formas de transmitir mensagens que pudessem ser

decodificadas pela sua comunidade e, posteriormente, criou a linguagem com o objetivo de se proteger, se organizar e viver em grupo. Parreira (2005) comenta que as formas de expressão desenvolvidas pelo homem envolvem também sua capacidade criativa e imaginativa, o que pode ser observado não somente na escrita e na fala, como também pelas artes como dança, pintura, música e fotografia.

A comunicação, enquanto jogo ou trama de veiculação de signos, enunciados e discursos, não é apenas um recurso técnico para a veiculação de intenções e informação, mas é um importante instrumento de produção ou sustentação de relações sociais. Ela veicula ideologias, formas de ver e entender o mundo conforme hegemonias criadas numa dada organização social. Comunicar é dizer não apenas do mundo, mas de si mesmo. É fazer uso dos elementos disponíveis e transmitir uma mensagem, uma intenção, emoção e demais produções do sujeito (JUSTO; VASCONCELOS, 2009, p.766).

Justo e Vasconcelos (2009), afirmam que a fala é comumente o caminho de se estabelecer a comunicação. A interação de comunicação pode ir muito além de palavras, havendo, portanto, outras formas de linguagem que são capazes de veicular a relação do homem com o mundo. É preciso repensar o conceito de comunicação como somente fala e escrita, considerando também as formas de expressão que possibilitam o diálogo e o entendimento através de outros órgãos do sentido, como a visão.

Dubois (2005) nos fala que a fotografia não é um espelho neutro. A produção fotográfica mostra-se diretamente relacionada à bagagem histórica, cultural e subjetiva daquele que a realiza. “A comunicação é, portanto, um processo intensamente presente nas relações humanas que possibilita a expressão de intenções e a mobilização de conteúdos pessoais organizados sob a forma de mensagens” (JUSTO; VASCONCELOS, 2009, p. 765). A potência fotográfica para fins de expressão e reflexão utiliza uma imagem fotográfica, criada pelo próprio sujeito é uma das formas de facilitar a comunicação, como possibilidade de expressão de subjetividade.

As fotos não servem somente para guardar lembranças. De acordo com Santaella (1998), quando a fotografia assume o papel de representação, ela também se apresenta como ferramenta de expressão. Esta se torna, a expressão visual e, inevitavelmente, fala dele para o mundo. São ferramentas que permitem emergir, mesmo que de forma implícita, em conteúdos subjetivos. “Toda foto tem múltiplos significados; de fato, ver algo na forma de uma foto é enfrentar um objeto potencial de fascínio [...]” (SONTAG, 2004, p. 18).

Deste modo, reiterando a afirmação Weller e Bassalo (2011):

Se toda foto é um registro de algo ou alguém em determinado tempo e lugar, toda foto traz em si uma trajetória única. Toda foto está marcada por uma intenção de ação, seja ela oriunda do próprio fotógrafo, ou demandada por outros, e, após sua materialização, revelada ou impressa, é também marcada pelos sentimentos que provocou, as memórias que fez emergir, os lugares que ocupou. Na foto, o tempo é atemporal, pois tornado foto o instante recortado, marcado, registrado, pode ser visto em outros tempos, com outros olhos e olhares (p.286).

Fontcuberta (2013) citado por Zanelato e Werba (2017, p. 162) afirma que fotografias são “[...] exclamações de vitalidade, como extensões de certas vivências, que se transmitem, compartilham e desaparecem”. No mundo atual, estímulos visuais cada vez mais se apresentam como formas de expressão. Inclui-se aí a fotografia como manifestação nos modos de se anunciar e dar visibilidade, convocando o potencial criativo, inventivo e expressivo de quem a faz.

A fotografia é polissêmica (BONI; ACORSI, 2006), de múltiplos significados e interpretações. As nuances do contexto e do instante fotografado são importantes para compreender e analisar a imagem. Esta traz consigo uma pluralidade de significados, e disso nascem diferentes interpretações, portanto, para além do domínio do uso de técnica de imagens, há a necessidade de uma reflexão crítica sobre o papel da fotografia como forma de comunicação e como ferramenta na atribuição de significados.

Barbosa e Cunha (2006) dispõem a fotografia como uma possibilidade de refletir sobre questões epistemológicas e de desenvolvimento de um método visual de investigação de espaço social, como possibilidade de apresentar performances cotidianas e os sujeitos na vida. Fotografar se tornou uma prática que modula formas de existência, onde a vida se mostra através de sucessivos instantes para “[...] produzir a vida cotidiana na forma de registros instantâneos” (TITTONI, 2009, p. 7).

É preciso repensar a comunicação dada somente através da escrita e da fala, pois as formas de expressão que cada vez mais ganham espaço atualmente estão relacionadas à visualidade. O avanço das tecnologias possibilitou que a comunicação visual criasse uma realidade de mundo-imagem, de virtualização da realidade, como a rede social *Instagram*, onde a comunicação se dá através de arquivos imagéticos. Se recebe, a todo momento, uma grande quantidade de informação imagética. Ao nosso redor, imagens saltam aos nossos olhos e se transformam em ícones capazes de representar um indivíduo.

“O mundo-imagem, o aumento das possibilidades de virtualização da realidade, de materialização de subjetividade e dos registros semióticos em formas que

podem permanecer no tempo além de quem as produz” (JUSTO; VASCONCELOS, 2009, p.7). A inscrição e resistência da fotografia na sociedade moderna e contemporânea garantiu sua manutenção no mundo líquido dos bytes e sua difusão graças aos avanços da ciência e da tecnologia em detrimento da técnica e de grandes equipamentos, ampliando o espaço de uso e visibilidade.

2.2 O uso de recursos fotográficos na pesquisa em Psicologia: a subjetividade como modo de expressão e representação

Considerando que a fotografia é linguagem – forma de expressão e representação construídas (JUSTO; VASCONCELOS, 2009) – a partir não somente de elementos físicos e tecnológicos (ou químicos, no caso da fotografia analógica) como também de ferramentas culturais e subjetivas (BARBOSA; CUNHA, 2006), a linguagem da fotografia é um caminho possível para elaboração e discussão de resultados de pesquisa e ainda a utilização dos debates em torno de imagens como subsídio para discussões epistemológicas (BARBOSA; CUNHA, 2006), de modo que seu uso técnico se difere do uso artístico que, por sua vez, se difere do uso antropológico e epistemológico.

Foucault (1989) discute sobre o conceito de subjetividade e em como o sujeito se demarca no mundo a partir dela. Para o autor, as formas de produção podem se dar a partir da linguagem, de um dizer que tomamos como realidade. A linguagem – quer seja discursiva ou não – apresenta uma nova realidade a ser descoberta, por meio das relações, portanto, para além da dialética objetividade/subjetividade, busca-se compreender as relações.

A subjetividade, então, é vista como um processo que produz os indivíduos, onde estes são afetados e retratados como produtos constituídos por regras de funcionamento, sendo o sujeito compreendido a partir do histórico político e modelado no registro social, sobre aquilo que produz afeto nos corpos e nos modos de viver. Portanto, a subjetividade é compreendida como um processo de produção onde comparecem múltiplos componentes, entendida como um produto em constante movimento, que acontece a partir dos encontros do sujeito com o outro.

Neiva-Silva e Koller (2002), citam que o primeiro artigo publicado em que se faz o uso da fotografia na pesquisa psicológica aconteceu em 1890, por Donaldson, no século XIX, que coincide com o período do reconhecimento da Psicologia enquanto ciência. Já no início do século XX, os trabalhos publicados estavam voltados à percepção

e movimentação visual dos participantes. Uma década depois, os estudiosos estavam focados em determinar, a partir da análise da fotografia do rosto das pessoas, indicadores do nível de inteligência como método de seleção de pessoal, na época motivados pelas mudanças pós-guerra na área de Recursos Humanos. Assim, afirmam Justo e Vasconcelos (2009, p.762) que as primeiras formas de incluir a fotografia como recurso para a pesquisa em Psicologia “[...] se relacionaram principalmente à coleta de dados concretos e padrões físicos”.

Segundo Kohatsu (2017), um dos trabalhos pioneiros no Brasil foi a dissertação de mestrado em Psicologia Social “Identidade e fotografia reflexões sobre uma experiência junto a um grupo de pacientes psiquiátricos” por Pesaro (1997). O estudo realizado ateu-se à discussão das imagens fotográficas produzidas por pacientes psiquiátricos em um Centro de Atenção Psicossocial.

A partir de Neiva-Silva e Koller (2002), é correto afirmar que a pesquisa em Psicologia vem sendo fortemente favorecida pelo desenvolvimento da tecnologia em diferentes setores e de recursos computacionais. É importante ressaltar o diálogo interdisciplinar, de outras áreas e disciplinas do conhecimento para o uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. Como dito anteriormente, a Antropologia foi a primeira das ciências a fazer uso de recursos fotográficos a fim de registrar interação entre registros verbais e visuais como fontes de pesquisa.

O contato com a fotografia pode disparar discursos e construir sentidos, onde o participante é convocado a mergulhar em suas memórias e representações “[...] a fotografia recebe duplamente o papel de dar visibilidade: mostrar o fragmento do mundo que seu autor escolheu para capturar e, por outro lado, fazer ‘ver’, resgatar memórias, construir sentidos [...]” (JUSTO; VASCONCELOS, 2009, p. 770).

Fotografias não mais têm a pretensão de dizer o que existe e sim de representar o que existe. Pode-se afirmar que uma imagem é arbitrária, de inúmeras possibilidades de interpretação, considerando-se, assim, a importância de um discurso, de um diálogo a partir do que fora registrado. A afirmação “Só o que narra pode levar-nos a compreender” de Sontag (2004, p. 18), nos fala sobre a importância da interação entre registros verbais e visuais para disparar discursos através de registros fotográficos.

Kossoy (2001) afirma “Toda fotografia tem sua origem a partir de um indivíduo que se viu motivado a congelar em uma imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (p.36). Pode-se dizer, então, que se a fotografia enquanto técnica de expressão imagética é sempre uma ação intencional, ela reúne não somente

informações registradas como conteúdo, mas representações subjetivas do indivíduo que a registrou, mediadas por um dispositivo.

Andrade (2002) apresenta que as fotografias apontam para identidade de um indivíduo, visto que nossa identidade enquanto seres humanos também depende da memória e, ao aplicar um golpe no tempo e fazer um recorte na realidade, a fotografia se torna um suporte material para a memória, buscando tornar presente aquilo que se é, se foi ou ainda aquilo que nunca se conseguiu ser. Para o fotógrafo, a fotografia é um instrumento de captação do mundo e de si mesmo.

A singularidade conferida ao sujeito, atuante em seu modo de vida, é um elemento fundamental a ser observado (JUSTO; VASCONCELOS, 2009). Sontag (2004) afirma que tirar fotos não é resultado apenas de um evento e um fotógrafo, mas sim um evento em si mesmo, dotado de intervenção, não importa o que estiver acontecendo. Usar a câmera, além de uma forma de participação, é também uma forma de intervenção. E, embora o fotógrafo tenha uma função de observador, o ato de fotografar é mais do que uma observação passiva.

Pinto (2004) citado por Justos e Vasconcelos (2009), mostra que a Psicologia é influenciada por fatores histórico-culturais, individuais e coletivos, que afetam o ponto de vista do pesquisador e sua construção da pesquisa. Ademais, existe uma interação na pesquisa: objeto de estudo – pesquisador, o que Kohatsu (2017) chama de “O olhar e o exercício antropológico na relação do pesquisador com o outro e consigo mesmo” (p. 23) e considerar tal interação é admitir que as pesquisas não são neutras e tampouco têm a pretensão de conclusão ou comprovação empírica.

A imagem tem a capacidade de evocar o que um texto ou uma pergunta não conseguiriam expressar ou questionar. As imagens têm o papel de evocar questões sobre os modos de vida, despreocupando-se do papel de atribuir significados, sem a necessidade de ratificar uma fotografia, um trabalho em termos de legibilidade visual e impacto emocional.

Andrade (2002) citado por Zanelato e Werba (2017, p.158) afirma que a linguagem não-verbal se torna mais carregada de conteúdo emocional do que o que expressamos verbalmente. Portanto, a fotografia é uma ferramenta carregada de acesso à subjetividade e de possibilidades de desenvolvimento e método de investigação, veiculando “[...] formas de ver e entender o mundo” (JUSTO; VASCONCELOS, 2009, p. 764). Mais do que o domínio técnico no uso das imagens, é enfatizada a necessidade

de uma reflexão e crítica sobre a ética na relação com o outro, que se coloca na condição de sujeito da pesquisa (KOHATSU, 2017).

A fotografia comparece, então, como forma de intervenção nos jogos de visibilidades (TITTONI, 2009). “Mostrar nossas fotografias a quem quer que seja requer uma explicação, um adendo ao que a fotografia, por ser recorte e estática, não pode dizer” (JUSTOS; VASCONCELOS, 2009, p.770), podendo trazer à tona, além do olhar subjetivo do fotógrafo, outro aspecto peculiar de um recorte fotográfico: o convite ao mergulho do participante nas suas próprias histórias, representações, memórias e discursos sobre o que o cerca.

3. MÉTODO

O tipo de pesquisa utilizado, dentro do modelo qualitativo, é o da pesquisa bibliográfica, entendida como:

[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122).

Nesse entendimento acerca da pesquisa bibliográfica, pretende-se trabalhar a partir de contribuições científicas de artigos publicados em periódicos científicos. A presente proposta metodológica segue os direcionamentos de Lima e Míoto (2007), que a concebem implicando “[...] em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (p. 38).

3.1 Informações e Fontes

Para obter as informações propostas nos objetivos deste trabalho, será necessário fazer um levantamento bibliográfico utilizando os seguintes termos: Psicologia; fotografia; subjetividade.

Os critérios que delimitam o universo de estudo, considerando as informações pertinentes e orientam a seleção do material ou as fontes foram os seguintes: a) textos científicos da área da Psicologia que fazem uso da fotografia como recurso, a fim de se discutir a subjetividade como modo de expressão e representação; b) textos em português; c) autores graduados ou pós-graduados em Psicologia cuja produção científica tenha se dado a partir de quaisquer áreas da Psicologia, fazendo uso da fotografia como potência de fala e subjetividade; d) artigos científicos publicados no Brasil nos anos de 2018 e 2019; e) Base de dados do google acadêmico, Scielo, PepSic.

3.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram sítios de busca virtual, periódicos científicos para referências dos textos e a Plataforma Lattes para constatar a formação acadêmicas dos autores e também como fonte de novas referências de leitura e/ou mapeamento de material. Um instrumento de registro das informações que são

consideradas relevantes nos textos, como um Roteiro para Leitura, que, segundo Lima e Mioto (2007), é formado por campos de investigação das informações do texto, podendo ser ampliado ou reduzido. Foram utilizados: a) Identificação da obra: composto por referência bibliográfica completa e local onde pode ser encontrada; b) Contribuições da publicação para o estudo proposto: consiste no registro das reflexões dos questionamentos e encaminhamentos incitados, assim como na indicação de como podem ser utilizadas na elaboração do texto final.

3.3 Procedimentos

Busca-se seguir as fases comuns na coleta de dados em uma pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Salvador (1986) citado por Lima e Mioto (2007), consistem em investigar soluções, analisar as explicações e a síntese integradora.

Quanto à investigação das soluções, houve a coleta da documentação, envolvendo dois momentos distintos e sucessivos: levantamento da bibliografia e levantamento das informações contidas na bibliografia, considerando os parâmetros supracitados. Este momento é o estudo dos dados e/ou das informações presentes no material bibliográfico. Visa gerar uma síntese integradora, cuja qualidade, em termos de resultados de pesquisa, depende da quantidade e da qualidade dos dados coletados.

Já a Análise explicativa das soluções consistiu na análise da bibliografia e das informações levantadas, no exame do conteúdo das afirmações. Sendo uma fase ligada à capacidade crítica do pesquisador para explicar ou justificar os dados e/ou informações contidas no material selecionado.

Por fim, na Síntese integradora, apresenta-se o produto final do processo de investigação, resultante da análise e reflexão do material analisado, compreendendo atividades de apreensão do problema, investigação rigorosa, visualização de soluções e síntese. Ou seja, o momento de conexão com o material de estudo, para leitura, anotações, indagações e explorações, cuja finalidade consiste na reflexão e na proposição de soluções.

Cada fase supõe um ou mais tipos de leitura, a principal técnica de coleta de dados em pesquisas dessa natureza (SALVADOR, 1986 apud LIMA; MIOTO, 2007), sendo elas, a leitura de reconhecimento do material bibliográfico, a leitura exploratória, a leitura seletiva, a leitura crítica e a leitura interpretativa:

Na primeira delas, a leitura de reconhecimento do material bibliográfico, foi realizada uma leitura rápida que objetiva localizar e selecionar o material que pode

apresentar informações e/ou dados referentes ao tema. Momento de incursão em bases de dados computadorizadas para a localização de obras.

Já na leitura exploratória, houve uma leitura rápida cujo objetivo foi o de verificar se as informações e/ou dados selecionados interessam de fato para o estudo. Momento de leitura dos sumários e de manuseio das obras, para comprovar de fato a existência das informações que respondem aos objetivos propostos.

A partir dos materiais previamente selecionados nas formas anteriores de leitura, procedeu-se a leitura seletiva, para determinar o material que de fato interessa, relacionando-o diretamente aos objetivos da pesquisa. Momento de seleção das informações e/ou dados pertinentes e relevantes, quando são identificadas e descartadas as informações e/ou dados secundários. Esta correspondeu à fase de investigação de soluções.

Já na fase de análise explicativa das soluções, foi feita a leitura reflexiva ou crítica, que consistiu no estudo crítico do material realizado nos textos escolhidos como definitivos e buscar responder aos objetivos da pesquisa.

Por fim, a leitura interpretativa foi momento mais complexo e teve por objetivo relacionar as ideias expressas na obra com o problema para o qual se busca resposta. Implica em interpretação de ideias e de uma interrelação destas com o propósito do trabalho. É necessário um exercício de associação de ideias, transferência de situações, comparação de propósitos, liberdade de pensar e capacidade de criar. Fases da análise explicativa das soluções e da síntese integradora.

Considerando os critérios metodológicos acima citados de pré-análise, exploração do material e codificação dos resultados obtidos, o tratamento dos dados se dará através da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, utilizada como técnica de organização e análise de dados. De acordo com Dellagnelo e Silva (2005), a utilização desta técnica de análise tem crescido no meio acadêmico brasileiro, principalmente nas pesquisas de cunho qualitativo, buscando trazer à pesquisa científica um concreto e operacional método de investigação de conteúdo (FARAGO; FOFONCA, 2011).

De acordo com Velho (1978), o envolvimento entre pesquisador e objeto de estudo é inevitável. E ainda em Justo e Vasconcelos (2009), podemos ver que a pesquisa qualitativa é estar em frente a um fenômeno mutável e dinâmico. E que quando está envolvida a subjetividade, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que prioriza a interação entre o pesquisador e o participante – este último, que fornece os dados a partir do seu ponto de vista (JUSTO; VASCONCELOS, 2009).

A pesquisa qualitativa proporciona um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos, direcionado à compreensão da manifestação do objeto de estudo (MINAYO, 2007). Desse modo, a abordagem qualitativa investiga e esmiúça relações, histórias e representações de como os seres humanos constroem a si mesmos, seus sentimentos, pensamentos e inter-relações (TURATO et al, 2008 apud CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014).

Através do procedimento de categorização (BARDIN, 2016), um dos procedimentos utilizados dentro da análise de conteúdo, em que, por meio de critérios de diferenciação e agrupamento “tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 2016, p. 148-149), sendo criadas categorias, que “são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado” (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014, p. 16).

Os elementos serão classificados e inseridos em agrupamentos (ou categorias), tendo como base sua fundamentação, seu conteúdo e sua pertinência a outros elementos. Neste cenário, a técnica, se propõe investigar para além de uma realidade visível, uma realidade invisível, que pode se manifestar nas entrelinhas do texto (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dadas as fases descritas no método do trabalho, onde foram percorridas as etapas utilizadas nesta pesquisa, é importante frisar que as etapas para o levantamento bibliográfico foram respeitadas, visando cumprir com os objetivos propostos. A exploração consistiu no acesso às fontes dos documentos que compuseram a amostra, lançando mão de ferramentas que auxiliaram a pesquisadora a direcionar a busca aos documentos do objeto de estudo – neste caso, o banco de dados virtuais das plataformas citadas anteriormente, esmiuçando informações e buscando maior fidedignidade possível às fontes, parâmetros e procedimentos.

4.1 Procedimentos para a condução da análise interpretativa

Não se fez necessária uma redução do corpo documental a um quantitativo para prosseguir na análise interpretativa. Assim sendo, os critérios de inclusão e exclusão foram definidos visando explorar o potencial analítico dos documentos, sabendo-se que há ganhos e perdas quando se faz a opção por apenas um tipo de produção científica – no caso deste trabalho, artigos científicos.

Apesar de se encontrar um quantitativo superior de dissertações, teses, capítulos de livro e livros inteiros discutindo a temática, é importante ponderar que, durante o levantamento de dados ainda tendo como base o projeto de monografia, constatou-se que analisar outros tipos de trabalhos acadêmicos que apresentam um formato mais denso e complexo demandariam um maior nível de aprofundamento epistemológico e teórico.

No que se diz respeito às fontes de informação, entende-se que o Google Acadêmico, a Scielo, a Revista *PepSic* e a Plataforma Lattes, de modo geral, viabilizaram de forma satisfatória o campo de estudo e pesquisa, indicando até mesmo outras leituras, citações e autores.

Visou-se trabalhar com um quantitativo de documentos em tempo hábil para a conclusão da pesquisa, levando-se em consideração que, para se ter um bom nível analítico e cumprir os objetivos deste trabalho, foi necessário delimitar ainda mais os critérios em comparação aos propostos no projeto.

No que se diz respeito ao uso dos termos de busca, em dados momentos, fez-se necessário reduzir às palavras “Psicologia e fotografia”, pois verificou-se que, mesmo em casos onde a palavra “subjetividade” não aparecia de forma evidente, o material, em

si, discutia questões relacionadas aos fenômenos subjetivos – por vezes, aparecendo as palavras “expressividade”, “potência”, “discursos” como sinônimos do que entendemos por subjetividade neste contexto. Por isso, a palavra “subjetividade” se mostrou restritiva em alguns momentos. A busca na plataforma da Revista *PepSic*, por exemplo, teve maior efetividade quando o termo de busca “subjetividade” fora excluído. Entende-se que os critérios e conteúdo das publicações devem estar criteriosamente alinhados aos objetivos da pesquisa, pois é o que viabiliza o alcance do estudo, entretanto, a publicação encontrada nesse sítio de busca não obedeceu a esse critério, pois descartaria um trabalho revelante para a proposta da pesquisa.

Quanto ao critério acadêmico, a Plataforma Lattes foi de fundamental importância na verificação da formação acadêmica dos autores. Mesmo nos casos em que o resumo e/ou o local de publicação do artigo já indicavam que pelo menos um dos autores teria formação em Psicologia – quer seja como orientando ou como orientador –, a pesquisadora não deixou de conferir a informação na plataforma citada. Em nenhum caso houve divergência de informação. Além disso, esta plataforma colaborou na busca de novas referências bibliográficas, tendo em vista que autores de referência na temática foram citados em vários dos trabalhos aqui catalogados, sendo utilizada não somente como uma fonte de verificação e constatação do parâmetro acadêmico estipulado, assim como para a busca de outras possíveis produções científicas dos mesmos autores.

Após a busca a partir dos termos utilizados e feitos os *downloads* dos arquivos, na etapa de refinamento do trabalho, os dados foram analisados a fim de constatar que os documentos alcançados tratam do objeto que se propôs investigar, passando pelas etapas de verificação dos parâmetros descritos. Em alguns casos, mesmo no título do trabalho, já seria possível verificar a discrepância das temáticas. Já na etapa de análise comparativa entre todos os documentos resultantes, pôde-se verificar a duplicidade dos documentos, ou seja, o mesmo artigo submetido, aprovado e disponibilizado em mais de uma das plataformas de busca. Neste momento, considerou-se onde a publicação foi recebida e publicada primeiro.

A seguir, buscou-se, a partir da descrição das informações dos documentos, realizar primeiramente as etapas de leitura propostas e uma revisão sistemática da literatura, conhecendo seus aspectos, a fim de analisá-los. Por último, a interpretação dos dados analisados, cumprindo a fase de efetivação da síntese dos mesmos.

Não foi feito o uso de uma ficha catalográfica. Tabelas, gráficos e informações a respeito do levantamento de dados foram esboçados primeiramente de

forma manual num caderno. Dados como: autores, vínculo institucional, título e ano da pesquisa, objetivos, metodologias utilizadas e considerações finais, assim como referências mais citadas foram escritos e, posteriormente, inseridos no *Word*.

4.2 Apresentação do *corpus* analítico

Foram analisados 258 artigos, sendo eles: 252 no Google Acadêmico (Google Scholar), 5 na plataforma Scielo e 1 na Revista PepSic, de forma que foram selecionados 6 artigos científicos no total, sendo: 3 no Google Acadêmico, 2 na Scielo e 1 na Revista Pepsic. No Quadro 1, é possível visualizar a fonte, quantitativo das publicações utilizadas, ano de publicação e termos de busca utilizados:

Sítio de busca	Ano de publicação: 2018	Ano de publicação: 2019	Termos de busca
Google Acadêmico	1	2	Psicologia; fotografia; subjetividade.
Scielo	1	1	Psicologia; fotografia; subjetividade.
PepSic	1	_____	Psicologia; fotografia.

Quadro 1: Representação do mapeamento das publicações.

É importante ressaltar que, visto que o Google é uma das plataformas de busca mais utilizadas do mundo, esperava-se a ocorrência de um quantitativo superior às outras plataformas como resultado das buscas, pois a plataforma Scielo é uma biblioteca eletrônica de periódicos científicos brasileiros e a Revista PepSic é um periódico de Psicologia, configurando uma fonte de busca bem específica. Provavelmente este motivo, ao serem inseridos os parâmetros de busca, a assertividade nesta última fonte foi de 100% (cem por cento) de aproveitamento, pois o único artigo encontrado dentro dos parâmetros propostos fora utilizado no levantamento.

Além disso, considerando-se que o ano corrente também fora catalogado, há de se considerar que, caso uma nova busca seja realizada a qualquer momento, outras publicações poderiam fazer parte do corpo desse mapeamento. Por isso, definiu-se que outras buscas e coletas de dados seriam feitas somente até o dia 30 de agosto do ano corrente, haja vista o tempo que seria despendido para analisar novos dados.

Durante a coleta de dados, verificou-se a diversidade epistemológica, teórica e metodológica das produções, tanto pela natureza multidisciplinar da Fotografia assim como também à multiplicidade da Psicologia. Houve uma variância quanto ao uso da Fotografia, assim como as áreas de atuação da Psicologia e ao que foi caracterizado como subjetividade nos documentos analisados.

Das publicações mapeadas do ano de 2018, o trabalho intitulado como “*Fotografias na escola: discursos de jovens estudantes*”, de Suzana Feldens Schwertner e Angélica Vier Munhoz, propôs a estudantes concluintes dos ensinos Fundamental e Médio que produzissem imagens fotográficas acerca das funções da escola na contemporaneidade e o significado da escola para eles. Foram realizados quatro encontros com 35 participantes. O trabalho envolveu grupos focais, onde os sujeitos da pesquisa interpretavam e discutiam a respeito das fotografias realizadas por eles nas mediações da escola. Os dados foram analisados através da perspectiva foucaultiana de análise do discurso.

O título “*A terapêutica de um ‘CAPS AD’ em um coletivo de fotografia*”, da professora Virgínia Lima dos Santos Levy, relata experiências ocorridas em um CAPS AD em oficinas de fotografia, das implicações burocráticas para sua implementação, refletindo a respeito da utilização de atividades artísticas nesses centros sob uma perspectiva terapêutica em Saúde Mental na Atenção Psicossocial. As oficinas eram abertas e oferecidas como atividade não-obrigatória do centro, que consistiam em passeios fotográficos pensando no fomento da autoestima e reinserção social dos usuários do CAPS.

Já o trabalho “*Retratos de um hospital de custódia: os espaços verdes e sua relação com a restauração psicofisiológica do estresse*”, de autoria das professoras Bettieli da Silveira, Ariane Kuhnen e Maíra Longhinotti Felipe, procurou identificar através dos registros fotográficos de 12 (doze) participantes funcionários de um hospital de custódia embasadas na literatura dos Estudos Pessoa-Ambiente como os espaços verdes naquele local poderiam contribuir de forma positiva para os usuários do hospital. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e encontros onde foram discutidas as percepções e sentimentos a respeito da dinâmica do hospital a partir dos registros fotográficos.

No ano de 2019, o artigo “*O sujeito não envelhece: relatos de experiência com grupos terapêuticos de idosos estudantes da UAMA (Universidade Aberta à Maturidade)*”, Trajano et al. discutem a respeito do processo de envelhecimento e suas

mudanças biopsicossociais. Foram realizados grupos terapêuticos visando trabalhar a singularidade dos sujeitos sob uma perspectiva psicanalítica e realizadas oficinas de fotografia, onde cada integrante levaria “uma foto sua que represente o momento mais marcante de sua vida e o descreva” (p.4). As fotos, posteriormente, foram misturadas e os participantes puderam ter contato com as outras fotografias, além de poder falar sobre o momento que acreditava que ela retratava para o outro, “[...] através de sua experiência e percepção subjetivas” (idem). A pesquisa contou com 10 participantes e um total de 6 encontros.

No artigo “*Manda nude: jogos de saber-poder e produção de subjetividade*”, Fernanda Nicaretta e Inês Hennigen discorrem a respeito da produção de discursos e subjetividades relacionadas à prática de o sujeito se autofotografar e compartilhar suas fotos em mídias digitais. A produção se tratou de uma pesquisa bibliográfica, no campo da Psicologia Social, sob uma perspectiva foucaultiana.

Já na última publicação aqui mapeada, intitulada como “*Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr*”, Cardoso et al. (2019) abordam o uso desse aplicativo de busca por parceiros entre homens, enfatizando as produções imagéticas entrelaçadas aos discursos dos usuários. Foi criado um perfil institucional do grupo de pesquisa apresentando a proposta, de modo que o próprio usuário do aplicativo que estivesse interessado em participar entraria em contato com o perfil do grupo. Foram entrevistados 11 homens, discutindo a respeito do uso, composição e manipulação das imagens a fim de analisar como os sujeitos produzem a si mesmos através da fotografia em mídias digitais.

No Quadro 2, podemos visualizar as categorias definidas a partir dos critérios de Diferenciação e Agrupamento (BARDIN, 2016):

Psicologia Social	Psicologia Escolar e Educacional	Saúde Mental	Psicologia do Desenvolvimento	Uso da literatura foucaultiana	Fotografia e Mídias digitais
“Fotografias na escola: discursos de jovens estudantes”.	“Fotografias na escola: discursos de jovens estudantes”.	“A terapêutica de um ‘CAPS AD’ em um coletivo de fotografia”.	“O sujeito não envelhece: relatos de experiência com grupos terapêuticos de idosos estudantes da UAMA (Universidade Aberta à Maturidade)”.	“Fotografias na escola: discursos de jovens estudantes”.	“Manda nude: jogos de saber-poder e produção de subjetividade”.

“Retratos de um hospital de custódia: os espaços verdes e sua relação com a restauração psicofisiológica do estresse”.		“Retratos de um hospital de custódia: os espaços verdes e sua relação com a restauração psicofisiológica do estresse”.		Manda nude: jogos de saber-poder e produção de subjetividade”.	“Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr”.
“A terapêutica de um ‘CAPS AD’ em um coletivo de fotografia”.					
“O sujeito não envelhece: relatos de experiência com grupos terapêuticos de idosos estudantes da UAMA (Universidade Aberta à Maturidade)”.					
“Manda nude: jogos de saber-poder e produção de subjetividade”.				“Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr”.	
“Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr”.					

Quadro 2: Categorias das áreas de atuação da Psicologia presentes nas publicações.

De acordo com Costa, Zanella e Fonseca (2016), nos últimos 30 anos, é evidente que a Psicologia Social é o ramo de atuação da Psicologia que mais se articula com a arte, considerando as possibilidades e aberturas dos modos de fazer Psicologia Social e as modulações ético-estéticas desses entrelaçamentos. Uma “Psicologia Social que pode se abrir a experimentações e desfazimentos de si, buscando articulações com singularidades sensíveis [...]” (p.606).

Nestas 6 publicações, pôde-se observar que os vínculos institucionais das autoras dos títulos permeavam majoritariamente entre as Universidades do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal de Santa Catarina, com títulos de doutorado. Autores como Jaqueline Tittoni, Andrea Vieira Zanella, Kátia Maheirie, Sílvia Koller,

Joana Sanches Justo, Mário Sérgio Vasconcelos, Josiele Lahorgue, Leny Sato, Ariane Kuhnen e Vanessa Maurenente aparecem massivamente como referência em artigos, além de produções relevantes em pesquisas acadêmicas, periódicos, capítulos de livros e livros em Psicologia com entrelaçamentos teóricos a respeito do uso da fotografia na última década. Pôde-se constatar que estes autores fazem ou faziam parte até há pouco tempo, do corpo docente dos Programas de Pós-Graduação da UFRGS e da UFSC. As professoras Tittoni e Zanella atualmente estão aposentadas da atuação nas atividades acadêmicas.

Em relação aos dados expostos, da descrição e análise de resultados, ressalta-se a importância de não se irromper inferências, considerando algumas variáveis. Por exemplo, podemos afirmar que duas universidades da região Sul do país têm maior relevância quantitativa, entretanto, deve-se pontuar e considerar o tempo de existência de seus programas de pós-graduação com linhas de pesquisa voltadas para a temática, inclusive onde os pesquisadores que aparecem com maior frequência – quer seja como autores, quer seja como citações – da produção científica em que Psicologia e fotografia se encontram, fazem parte do corpo docente de tais programas.

Apesar de não ser objetivo desta pesquisa, vale ressaltar o quantitativo relevante da produção acadêmica na temática no ano de 2017, cujo títulos foram: *Selfie e teoria crítica: considerações acerca do trabalho com imagens em Psicologia* (ALMEIDA; SEVERIANO, 2017); *A memória na era dos aplicativos móveis: uma discussão sobre o papel da fotografia em tempos de Snapchat* (BRAGA; CARNEIRO; GERMANO, 2017); *O psicólogo e a Unidade de Terapia Intensiva (UTI): um olhar pela fotografia* (PRADO; DHEIN, 2017); *Psicologia Social e CRAS: a experiência de uma oficina de fotografia como dispositivo ressignificador de sentidos* (LODETTI; MACHADO; MAHEIRIE; MULLER; NASCIMENTO, 2017); *Notas sobre o uso de imagens visuais nas pesquisas em Psicologia* (KOHATSU, 2017); *Realidade mediada: compreendendo qualidades restauradoras dos ambientes através da fotografia* (FELIPPE; KUHNEN; DA SILVEIRA; KLEIN, 2017); *Oficinas de fotografia na pesquisa-intervenção: construção de coletivos de trabalho* (DIAS; ZANELLA; TITTONI, 2017); *Sentido, imagem e fotografia: relato de experiência de uma oficina com jovens e posição de não aprendizagem* (GESSINGER; ROCHA; ESSWEIN, 2017); *A fotografia como lugar de memórias e recurso disparador da fala no trabalho imaterial de modelo de moda* (PRESTES; GRISCI, 2017); *Psicologia e fotografia: a subjetividade como protagonista da imagem* (ZANELATO; WERBA, 2017) *Dos encontros entre*

Psicologia, pesquisa e fotografia: ensaios inventivos (LAHORGUE, 2017); *A fotografia como de produção de conhecimento nas ciências humanas e sociais: primeiras aproximações* (MENEZES, 2017); *O construcionismo social na pesquisa em Psicologia* (SANCHES-JUSTO; FERREIRA; VASCONCELOS; JUSTO, 2017), assim como duas obras completas (livros inteiros) frutos de pesquisas dos programas de Pós-Graduação vinculadas às Universidades de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, cujos títulos são “*Fotografia e Psicologia: experiências em intervenções fotográficas*” e “*Psicologia e fotografia: alguns ensaios*”, organizados por Tittoni (2009) e Tittoni e Zanella (2016), respectivamente.

4.3 As funções da fotografia nos métodos de pesquisa em Psicologia

Tittoni (2009), defende que o uso da fotografia em Psicologia é bastante variado: pode ser utilizada como ferramenta, estratégia ou instrumento de trabalho e produção de conhecimento. Neiva-Silva e Koller (2002), através de um levantamento histórico-metodológico sobre as formas como a fotografia é utilizada na pesquisa em Psicologia, identificaram quatro funções principais da fotografia nos diferentes métodos adotados: *registro*, *modelo*, *autofotográfico* e *feedback*.

Na primeira, a fotografia tem o papel de documentar uma ocorrência, algo que aconteceu, “[...] onde a imagem é tomada como um dado da pesquisa” (p.238), não sendo considerados o autor das fotografias. Na segunda função, são apresentadas aos participantes fotografias sobre determinado tema e então analisadas as percepções, falas ou reações das pessoas em relação às imagens. De acordo com os autores, neste método, as respostas do observador das fotografias é o foco principal de análise. A terceira se caracteriza pela solicitação de o participante tirar determinado número de fotos na tentativa de responder a uma questão específica e, posteriormente, analisa-se o conteúdo das fotos. Pode-se notar, neste terceiro método de uso da fotografia, que são considerados importantes o conteúdo, autor e sua percepção a respeito das fotografias. Já na quarta modalidade, a fotografia é utilizada como instrumento de *feedback* aos participantes da pesquisa. As pessoas são avaliadas em um determinado aspecto e fotografadas em diferentes circunstâncias. Após terem contato com as fotografias, são reavaliadas, a fim de verificar se este contato gerou alguma diferença no critério que fora avaliado. Os autores do levantamento dão como exemplo em que a função *feedback* foi utilizada uma pesquisa sobre traços de personalidade. Os participantes da pesquisa foram fotografados por terceiros em diferentes circunstâncias, posteriormente as fotos foram apresentadas e,

em seguida, realizada uma nova avaliação com o objetivo de observar possíveis variações no critério avaliado. Ainda de acordo com os autores, esta quarta função possui limitações metodológicas e científicas, portanto, não se desenvolveu como os outros três modelos.

No Quadro 3, podemos visualizar em como foram definidos os grupos, a partir das quatro funções da fotografia definidas por Neiva-Silva e Koller (2002):

Registro	Modelo	Autofotográfica
“A terapêutica de um ‘CAPS AD’ em um coletivo de fotografia”.	“O sujeito não envelhece: relatos de experiência com grupos terapêuticos de idosos estudantes da UAMA (Universidade Aberta à Maturidade)”.	“Fotografias na escola: discursos de jovens estudantes”.
_____	_____	“A terapêutica de um ‘CAPS AD’ em um coletivo de fotografia”.
_____	_____	“Retratos de um hospital de custódia: os espaços verdes e sua relação com a restauração psicofisiológica do estresse”.
_____	_____	“O sujeito não envelhece: relatos de experiência com grupos terapêuticos de idosos estudantes da UAMA (Universidade Aberta à Maturidade)”.
_____	_____	“Manda nude: jogos de saber-poder e produção de subjetividade”.
_____	_____	“Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr”.

Quadro 3: Categorias sobre o uso da fotografia nas publicações mapeadas.

Foram identificadas as formas de uso em consonância com as registradas por Neiva-Silva e Koller (2002), com exceção do uso na função denominada *feedback*, corroborando com o mapeamento das quatro funções realizado pelos autores, que constataram as restrições de possíveis temas a serem estudados do uso da fotografia como *feedback*.

O momento de produção das imagens foi, de modo geral, durante as pesquisas, realizado pelo próprio participante, em consonância com o método autofotográfico, em que o conteúdo e o processo são objetos de interesse do pesquisador. De acordo com os autores, a autofotografia parte de uma pergunta do pesquisador ao participante e este tenta respondê-la. Além disso, de acordo com Ziller et al. (1988) citado

por Neiva-Silva e Koller (2002, p. 245), o modelo autofotográfico é comparado a métodos de pesquisa cujo objetivo é o de buscar a compreensão da linguagem não-verbal.

Somente o título *A terapêutica de um 'CAPS AD' em um coletivo de fotografia* apresentou mais de um modelo, visto que os profissionais do CAPS tanto registraram, com o intuito de documentar os passeios fotográficos como para discutir sobre as questões suscitadas pela pesquisadora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações culturais dos últimos séculos, aliadas ao desenvolvimento tecnológico, possibilitaram ao homem transmitir suas mensagens não apenas por meio de palavras ou desenhos, mas por imagens do real impressas e guardadas no papel, e por fim na memória coletiva. Hoje, através dos novos modos de se comunicar graças ao advento da *internet* e das mídias digitais, o código visual tem ampliado e modificado as formas de ver o mundo.

A fotografia tem inúmeras capacidades de representação, fornecendo linguagem, conhecimento, subjetividade, apontando para elementos relevantes da história, da arte, do comportamento e da cultura humana que por muitas vezes a textualidade não poderia expressar de forma tão eficaz. Ela, então, vai além da função estética e é objeto de informação, acervo e patrimônio cultural e subjetivo.

Este trabalho consistiu na análise da relevância da imagem fotográfica para a construção de manifestações subjetivas e na importância de se discutir e fomentar o uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. Refletir acerca da fotografia em si, como operador múltiplo, em que significante e significado se misturam, e assim observar os símbolos que as imagens criam e que se perpetuam graças ao olhar do fotógrafo.

Viu-se que, ao se enquadrar um objeto ou pessoa a ser fotografado, o fotógrafo foca em um determinado elemento, o coloca em primeiro plano, deixando todos os outros em segundo ou terceiro plano. Escolher uma imagem e excluir tudo em volta é um exemplo de como o subjetivo está intrinsecamente ligado ao enquadramento no campo fotográfico e que a imagem tem a capacidade de evocar o que um texto ou uma pergunta não conseguiriam expressar ou questionar. Assim, a fotografia se apresenta como um dispositivo potente para falar o que às vezes não se produz como fala, um canal por onde a fala pode ser potencializada.

Pôde-se observar que a fotografia favoreceu a comunicação e interação para os sujeitos das pesquisas catalogadas, possibilitando a expressão de sentimentos e vivências. Bem como dar visibilidade ao potencial criativo das pessoas envolvidas, a fotografia concretiza uma forma de as pessoas expressarem seus desejos, identidades e história pessoal e necessidades.

E, graças aos novos meios de comunicação e ao uso de dispositivos eletrônicos que substituem a função tradicional da máquina fotográfica, a fotografia se torna um objeto mais acessível, inclusive para a pesquisa acadêmica e científica.

A fotografia é, portanto, possibilidade de expressão de conteúdos subjetivos, pois esta resulta de quem a produz e afeta quem recebe, trazendo questões que não são atingidas apenas no campo verbal. Se a produção fotográfica é sempre uma ação intencional, é o fotógrafo – mediado por um dispositivo – quem registra o contexto visual. Nela, este agente imprime valor simbólico e social, que desempenham função em sua história e memória.

É importante ressaltar o diálogo interdisciplinar, do reconhecimento da experiência em outras áreas e disciplinas do conhecimento e dos entrelaçamentos observados entre a arte e a ciência. No uso da fotografia como ferramenta expressiva, podemos visualizá-la como um caminho de acesso à subjetividade e possibilidade terapêutica, como potência na expressão e na formação de subjetividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, F. C. de; SEVERIANO, M. F. V. Selfie e teoria crítica: considerações acerca do trabalho com imagens em psicologia. **Revista De Psicologia**, 8(1), 121-128. 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**/ Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2016. (Publicado originalmente em 1977).
- BARBOSA, A.; CUNHA, E. T. da.; **Antropologia e Imagem**. Coleção Passo-a-Passo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2006. [versão digital] encontrada em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-antropologia-e-imagem-andrea-barbosa-em-pdf-epub-e-mobi/>>.
- BARBOZA, D.; ZANELLA, A. V. Relações estéticas dos catadores de material reciclável com a cidade: os passos da pesquisa. **Psicologia & Sociedade**: 26 (1): 53-62, Porto Alegre, 2014.
- BENJAMIN, W. **Pequena história da fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BONI, P, C; ACORSI, A. R. A margem da interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo. **Líbero: revista acadêmica**, v.9, n.18, p. 127- 137, 2006.
- BRAGA, V.; CARNEIRO, J.; GERMANO, I. A memória na era dos aplicativos móveis: uma discussão sobre o papel da fotografia em tempos de Snapchat. **RuMoRes**, v. 11, n. 21, p. 209-231, 13 jul. 2017.
- CARDOSO, J. G. M.; PAZ, B. M.; ROCHA, K. B.; PIZZINATO, A. Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. **Psicologia USP**, 2019, volume 30, e180160. <<http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e180160>>.
- CAVALCANTE, R. B; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação&Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014.
- COSTA, I.; AQUINO, A. **Manipulação na fotografia**: Uma discussão entre a memória real e irreal. João Pessoa, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014.
- COSTA, L.; ZANELLA, A. V.; FONSECA, T. M. G. Psicologia Social e Arte: contribuições da Revista Psicologia & Sociedade ao campo social. **Psicologia & Sociedade**, 28(3), 604-615, 2016.
- DELLAGNELO, E.; SILVA, R. C. Análise de Conteúdo e sua aplicação em pesquisa em administração. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- DIAS, L. R. R.; ZANELLA, A. V.; TITTONI, J. Oficinas de fotografia na pesquisa-intervenção: construção de coletivos de trabalho. **Revista Nupem**, v. 9, n. 16. 2017.
- DHEIN, G.; PRADO, C. do; O psicólogo e a Unidade de Terapia Intensiva (UTI): um olhar pela fotografia. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 9, n. 3. 2017.
- DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 2005.
- FARAGO, C.; FOFONCA, E. **A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin**: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações. 2011.

FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A.; SILVEIRA, B. B. da; KLEIN, C. Realidade mediada: compreendendo qualidades restauradoras de ambientes através da fotografia. **Psicologia e Saber Social**, 6(1), 26-41. 2017.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios sobre uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989, p. 81-114. [versão digital] encontrada em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-microfisica-do-poder-michel-foucault-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>>

GESSINGER, D.; ROCHA, A. A. da.; ESSWEIN, G. **Sentido, imagem e fotografia**: relato de experiência de uma oficina com jovens em posição de não-aprendizagem. 1º Seminário Luso-brasileiro de educação inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.

GUSMÃO, D. S.; SOUZA, S. J. A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. spe, p. 24-31, 2008.

JUSTO, J. S. **Os meninos fotógrafos e os educadores**: viver na rua e no Projeto Casa. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

JUSTO, J. S.; VASCONCELOS, M. S. Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em Psicologia. **Estudos e pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p. 760 – 774, Dez.2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300013&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 25 Ago. 2018.

KOHATSU, L. N. Notas sobre o uso de imagens visuais nas pesquisas em Psicologia. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.8, n.1, p. 23-36, jan./jun.2017.

KOHATSU, L. N. O uso do vídeo na pesquisa do tipo etnográfico: uma discussão sobre o método. **Psicologia na Educação**, São Paulo, 25, 2º sem. de 2007, pp. 55-74.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LAHORGUE, J. B. Dos encontros entre Psicologia, Pesquisa e Fotografia: ensaios inventivos. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 8, n. 1, p.141-143, jan./jun.2017.

LEVY, V. L. dos S. A terapêutica de um “CAPS AD” em um coletivo de fotografia. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 3, p. 310-313, set.-dez. 2018.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T.. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katállys**, Florianópolis, 2007, 10 (Número especial), p. 37-45.

LODETTI, M. B.; MACHADO, Y. S.; MAHEIRIE, K.; MULLHER, F. L. B.; NASCIMENTO, C. C. Psicologia Social e CRAS: a experiência de uma oficina de fotografia como dispositivo ressignificador de sentidos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 589-608, ago. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia científica**. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

MATTOS, L. K. de.; ZANELLA, A. V.; NUERNBERG, A. H. Entre olhares e (in)visibilidades: reflexões sobre a fotografia como produção dialógica. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 26 – n. 3, p. 901-918, set/dez. 2014.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, v. 1. N. 2, p.73-98, 1996.

MAURENTE, V. Fotografia e Pesquisa-intervenção: construção de estratégias para uma produção acadêmica inventiva. **Rev. Polis e Psique**, 2015; 5(2): 111 – 122.

MAURENTE, V.; MARASCHI, C. Experiência de si e autoria: articulações teóricas a partir de oficinas de fotografia. **Informática na educação: teoria e prática**. Porto Alegre, v. 11, n.2, jul./dez. 2008.

MAURENTE, V.; TITTONI, J. Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. **Psicologia e Sociedade**, n. 1, vol. 19, Dez. 2007.

MENEZES, M. A fotografia como de produção de conhecimento nas ciências humanas e sociais: primeiras aproximações. **Revista de Psicologia da Unesp**, v. 12, n. 1, p. 90 - 102, set. 2017.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10^a ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S. H. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 237-250, jul. 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 09 set.2018.

NICARETTA, F.; HENNIGEN, I. “Manda Nude”: jogos de saber-poder e produção de subjetividade. **Rev. Polis e Psique**, 2019; 9(2): 4 – 24.

NOVAES, S. C. Entre arte e ciência: usos da fotografia pela Antropologia. In: _____. (Org.). **Entre arte e ciência: a fotografia na Antropologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 9-20.

OLIVEIRA, O. J. R. de; OLIVEIRA, M. F. S. de. Fases da história da fotografia e a questão da aura, segundo Walter Benjamin. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 10, n. 16, p. 163-190, jan./jun. 2014.

PARREIRA, S. M. C. P. **Experimentar-te: As oficinas de recursos expressivos em uma casa de abrigo**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Sociedade) – Faculdade de Psicologia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2005

PEREZ, J. de O.; FIORATI, R. C.; KEBBE, L. M.; LOBATO, B. C. O uso da fotografia como recurso emancipador: um relato de experiência com pessoas em situação de rua. **Cadernos de Terapia Ocupacional**, UFSCar, São Carlos, v.22, n. Suplemento Especial, p. 135-146, 2014.

PRESTES, V. A.; GRISCI, C. L. I. A fotografia no lugar de memórias e recurso disparados da fala no trabalho imaterial de modelo de moda. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 6, n. 3, p. 39-54, set./dez.2017.

- SANCHES-JUSTO, J.; FERREIRA, S. L.; VASCONCELOS, M. S.; JUSTO, J. S. O construcionismo social na pesquisa em psicologia. **Revista de Psicologia da Unesp**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 24 - 36, set. 2017.
- SANTAELLA, L. Os três paradigmas da imagem. In: SAMAIN, E. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998, p.167-178.
- SANTOS JÚNIOR, P. S. dos. **A fotografia na Psicologia: metassíntese de teses e dissertações brasileiras**. 2018. 130p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.
- SATO, L. Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia social do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2009, vol. 12, n. 2, p. 217-225.
- SCHWERTNER, S. F.; MUNHOZ, A. V. Fotografias na escola: discursos de jovens estudantes. **Ensaio Pedagógico**, Sorocaba, vol.2, n.3, set. - dez. 2018, p.37-46.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª edição revista e atualizada. 8ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2007.
- SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. Companhia das Letras. 2004. [versão digital] encontrada em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-sobre-fotografia-susan-sontag-em-pdf-mobi-e-epub/>>
- SILVEIRA, B. B.; KUHNEN, A.; FELIPPE, M. L. Retratos de um hospital de custódia: os espaços verdes e sua relação com a restauração psicofisiológica do estresse. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 13(4), São João del Rei, outubro-dezembro de 2018.
- SOUZA, S. J.; LOPES; A. E. Fotografar e narrar: A produção do conhecimento no contexto da escola. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 61-80, jul. 2002.
- STRAPPAZZON, A.; SANTA, B.; WERNER, F. W.; MAHEIRIE, K. A criação fotográfica e o aumento da potência de ação: experiências e possibilidades. **Cadernos de psicopedagogia**, São Paulo, v. 7, n. 12, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492008000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 jul. 2018.
- TACCA, F. de; Imagem fotográfica: aparelho, representação e significação. **Psicologia & Sociedade**, 17 (3), 09-17; set/dez: 2005.
- TITTONI, J. (Org.) **Fotografia e Psicologia: experiências em intervenções fotográficas**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2009.
- TITTONI, J. Fotografia e pesquisa-intervenção: reflexões sobre os modos de ver, falar e viver. **Rev. Polis e Psique**, 2015; 5(2): 88 – 110.
- TITTONI, J.; OLIVEIRA, R. G. de.; SILVA, P. M. da.; TANIKADO, G. A fotografia na pesquisa acadêmica: sobre visibilidades e possibilidades do conhecer. **Informática na educação: teoria e prática**. Porto Alegre, v. 13, n. 1, jan./jun. 2010.
- TITTONI, J.; ZANELLA, A. (Orgs.) **Psicologia e fotografia: alguns ensaios**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.
- TRAJANO, R. K. S.; PEREIRA, V. A.; ARAÚJO, C. D. L. de.; GAMA, J. F. de A. **O sujeito não envelhece: relatos de experiência com grupos terapêuticos de idosos**

estudantes da UAMA (Universidade Aberta à Maturidade). VI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. Campina Grande - Paraíba, jun. 2019.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. (Org.), **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978, p.36-46.

WELLER, W.; BASSALO, L. M. B. Imagens: documentos de visões de mundo. **Sociologias**, vol.13, n.28, Porto Alegre, set./dez.2011.

WOLFF, F. Por trás do espetáculo: o poder das imagens. In: NOVAES, ADAUTO (org). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005, p.16-45.

WOTTRICH, S. H.; QUINTANA, A. M.; CAMARGO, V. P.; BECK, C. L. C. **“Manifestos do coração”**: Significados atribuídos a doenças por pacientes cardíacos pré-cirúrgicos. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, Abr-Jun 2015, Vol. 31 n. 2, pp. 213-219.

ZANELATO, V. M.; WERBA, G. C. Psicologia e fotografia: a subjetividade como protagonista da imagem. **Diálogo**, Canoas, n.36, p. 157-168, Dez. 2017.